

CAMINHOS DERIVACIONAIS DA POLISSEMIA E DA IDIOMATIZAÇÃO

Aniela Improta França /UFRJ

1. Introdução

Qualquer teoria lingüística precisa elaborar uma explicação para a polissemia de palavras ou de construções sintáticas com mais de duas palavras. Por exemplo, *corredor* - ⁽¹⁾ aquele que faz deslocamento rápido; ⁽²⁾ passagem estreita e longa para ligar dois ou mais compartimentos; *chutar o balde* ⁽¹⁾ dar um pontapé no balde; ⁽²⁾ abandonar um alvo.

Modelos lexicalistas propõem uma arquitetura da gramática com duas computações separadas: uma que monta traços que formam palavras constituindo o léxico do indivíduo, e outra que combina palavras umas com outras na computação sintática. Nestes modelos, a montagem de palavras precede as operações da sintaxe. Por exemplo, no modelo lexicalista do Programa Minimalista (Chomsky, 1995) palavras já completamente constituídas são extraídas do léxico para um espaço de trabalho transitório chamado Numeração, constituído do conjunto de palavras a serem concatenadas (*merge*) na fase em curso. A operação *Selecionar* escolhe uma palavra da Numeração e a introduz na computação para ser concatenada a uma outra palavra ou sintagma, possivelmente sujeitos, depois, a deslocamento. Portanto, nos modelos lexicalistas, a sintaxe lida com palavras pré-formadas, aplicando a elas as operações de concatenar e mover.

Outra solução arquitetônica possível é assumir que as unidades básicas que entram na computação sintática não são palavras, mas sim apenas os seus traços abstratos, destituídos de conteúdo fonológico. Neste caso, o modelo é não lexicalista. Por exemplo, na Teoria da Morfologia Distribuída (Marantz & Halle, 1993, Marantz 1997), unidades morfológicas, com forma fônica, menores do que a palavra, só são inseridas no fim da computação sintática, a qual se aplica a traços. Por isso diz-se que este modelo é também separacionista, o que quer dizer que a computação sintática é bem separada da implementação fonológica. Nesta teoria, as palavras com seus traços sintáticos, traços morfofonológicos e propriedades semânticas não são pré-montadas, mas sim formadas dinamicamente a partir da distribuição de tarefas entre três diferentes listas que participam em três diferentes estágios na derivação da estrutura sintática e sua interpretação:

A partir da Lista 1, a operação *Selecionar* introduz na Sintaxe propriamente dita traços abstratos sem substância fônica. O estado atual desta teoria ainda não permite uma enumeração completa destes traços da Lista 1. Por enquanto, o que costuma ser atribuído a esta lista são traços tais como verbalizador, determinante, relacionador, pessoa, número, tempo, complementizador, agentivizador, aplicativo, e também posições vagas (*place-holders*) reservadas para a inserção de raízes. Em cada fase, depois de os traços abstratos terem sido juntados e movidos, chega-se ao Spell-Out. Neste ponto, a computação é remetida por um lado à forma lógica, que lê somente traços, e por outro lado para o componente morfofonológico. É deste lado que está a Lista 2, constituída de Peças de Vocabulário. Estas peças são inseridas no output da sintaxe, contanto que sejam compatíveis com a estrutura de traços gerada ali. Assim, é do lado da morfofonologia, no componente morfologia, que acontece a inserção de Peças do Vocabulário, formando uma representação fonológica subjacente, que é o input da fonologia, com todas as suas regras.

As peças de vocabulário são de dois tipos: funcionais ou raízes. Os nós terminais com traços funcionais que chegam da sintaxe vão ser preenchidos por peças com forma fonológica e traços de natureza idêntica à dos traços abstratos da Lista 1. Os nós terminais reservados para as raízes vão ser preenchidos por peças lexicais, raízes, possuidoras de substância fonológica.

A inserção lexical tardia obedece ao princípio do subconjunto: uma peça só pode ser inserida em um nó se sua especificação for igual ou um subconjunto das especificações dos traços provenientes da computação sintática. Por esta razão, há Peças de Vocabulário sub-especificadas em relação aos traços fornecidos pela sintaxe. Por exemplo, considerem a conjugação do verbo *ter*. Notem que de maneira geral há formas distintas para plural e singular de terceira pessoa (*tinha, tinham; teve, tiveram; tenha, tenham*,

tivesse, tivessem; teria, teriam, etc), porém no tempo presente do indicativo a forma do verbo [têi] serve tanto para singular como para plural. No entanto, na computação sintática, a especificação dos traços acontece: {ter, presente, 3p. sg} e {ter, presente, 3p., pl}. Diremos, então, que a peça de vocabulário [têi] possui o feixe de traços {ter, pres, 3p} e, portanto, sendo sub-especificada para número, pode ser inserida nos dois casos, singular ou plural.

Em cada fase, feita a inserção de vocabulário, o bloco é enviado por um lado para o componente fonológico onde sofrerá reajustes que culminam na representação fonética, e, por outro, para a Enciclopédia, Lista 3, que é o componente interpretativo que fornece a parte idiossincrática da leitura semântica, ou seja, este é o local onde se dá a negociação da *arbitrariedade saussureana* (arbitrariedade na relação entre forma e significado no sentido de Saussure), quando, logo na primeira fase, uma raiz é concatenada a um morfema categorizador. Se houver outras camadas sintáticas, elas serão concatenadas fase a fase e na Forma Lógica receberão as leituras composicionais dos traços abstratos, leituras estas que serão integradas com a leitura idiossincrática dada na Enciclopédia.

Por exemplo, na família de palavras *mentir, mentira, mentiroso*, a raiz *ment* se concatena primeiro com o morfema categorizador *vezinho* e na enciclopédia é negociada a sua leitura básica. A partir do verbo, são formados o nome e o adjetivo de forma composicional, sem que haja outras negociações. A cada nova concatenação categorial, a forma lógica faz ajustes composicionais em prol das novas leituras, camada a camada, respectivamente indo do nome *mentira* ao adjetivo *mentiroso*.

Outro objeto de estudo de interesse é a polissemia, em que palavras com representações semânticas diferentes e estrutura superficial idênticas põe em cheque as formas de concatenação que darão origem às diferentes interpretações semânticas. Ainda, as expressões idiomáticas, cujas interpretações se distinguem além do âmbito lexical, são outros tipos de construção que podem revelar aspectos interessantes da micromodularidade lingüística. O objetivo deste trabalho é usar a teoria acima explicitada para entender os caminhos derivacionais da polissemia e da idiomatização.

2. Compreendendo a polissemia através do ponto de arbitrariedade saussureana na derivação de uma palavra

Polissemia é capacidade de um signo ter múltiplos significados, por exemplo *corredor* - ⁽¹⁾ aquele que faz deslocamento rápido; ⁽²⁾ passagem estreita e longa para ligar dois ou mais compartimentos. Na polissemia, além das palavras compartilharem a mesma forma, elas também compartilham uma micro semântica, ou acepção básica, assegurada pelo uso da mesma raiz ainda não categorizada.

A polissemia é um fenômeno bastante similar ao da homonímia, com a diferença de que no último não há compartilhamento de raiz. Por exemplo, em *manga*, - ⁽¹⁾ fruta tropical; ⁽²⁾ parte de uma vestimenta que recobre os braços, há homonímia. Porém, em *manga*, - ⁽¹⁾ parte de uma vestimenta que recobre os braços; ⁽²⁾ parte de um lampião que recobre a chama, há polissemia.

Pylkkänen et al. (2006), um estudo neurolingüístico usando MEG, encontrou tempos acesso lexicais mais rápidos no hemisfério esquerdo do cérebro para a situação polissêmica do que para a homonímia. No entanto a homonímia ativou o hemisfério direito mais rapidamente. Este resultado implica primeiramente que há diferenças entre as computações de palavras polissêmicas e palavras homônimas e que portanto polissemia e homonímia são processos cognitivamente diferentes. Os achados também implicam em que exista um pequeno ganho pelo compartilhamento de raiz mesmo antes da concatenação com o morfema categorizador.

Em *corredor* ⁽¹⁾ - *aquele que se desloca com rapidez*, temos três fases sucessivas, logo após a inserção lexical de cada fase, na passagem entre as Listas 2 e 3.

Na primeira fase, depois do merge da Raiz com v, forma-se o verbo {{corr}er} inserindo a raiz e a peça vocabular verbalizador agentivo. Nesta fase, com o envio deste composto para a Enciclopédia, acontece a negociação semântica do sentido de *fazer deslocamento rápido*, um verbo de ação. Além disso, a fonologia recebe a informação da vogal temática e os traços fonológicos de {{corr}er}.

Mais um ciclo derivacional e temos a concatenação de um traço aspectual *perfectum*, denominado particípio passado, que é implementado pela peça vocabular *d*. Mas note que este ciclo, que tem semântica composicional aproveitando o que já foi negociado na fase do vezinho, não tem saída para a fonologia da palavra, porque não se agregaram ao *perfectum* traços de pessoa e número (AGR), traços estes demarcadores de fronteira da palavra fonológica.

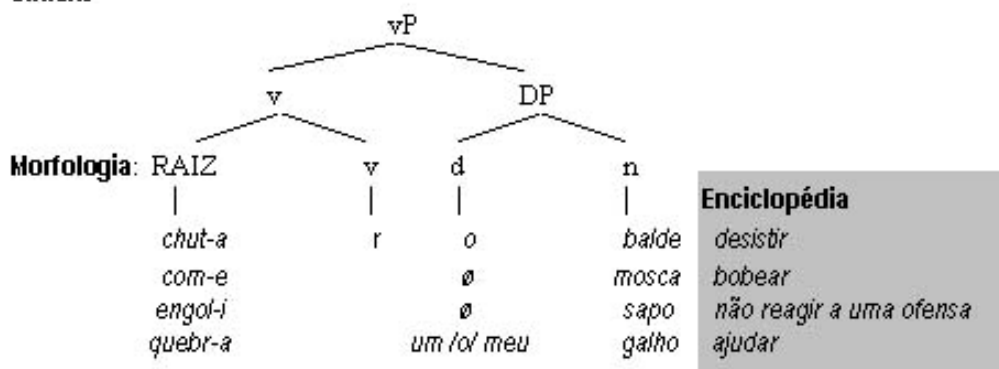
Finalmente, na última fase, entra o traço *nominalizador agentivo*, que é implementado pelo morfema *-or*, e a ele são agregados traços de AGR (gênero e número). A palavra tem saída para a fonologia e, pela conexão entre Enciclopédia e Forma Lógica, recebe a interpretação de “aquele que se desloca rapidamente”. Derivações similares são as das palavras *morador*, *empreendedor*, *salvador*, *vendedor*, *indicador* e outras. Em todas estas, a concatenação de verbalizador agentivo precede a de nominalizador. Por sinal, a palavra *verbalizador* também tem esta mesma história derivacional, mas antes da fase da verbalização, implementada pelo verbalizador *-izar* há outras camadas, a saber, a nominalização da raiz VERB, implementada pelo nominalizador \emptyset , formando o nome *verbo* - a sede da negociação semântica arbitrária - e a adjetivação, implementada pelo adjetivador *-al*, formando *verbal*. Depois então, *verbalizar* e *verbalizador*.

Para o significado *corredor* (2), *passagem estreita e longa para ligar dois ou mais compartimentos*, esta teoria possibilita uma outra história derivacional. Logo na primeira fase, sem receber vezinho, a raiz é concatenada ao traço aspectual *perfectum* enfeixado com o traço categorizador *n* (enezinho) de nome agentivo, que recebe AGR. Neste contexto sintático, as peças vocabulares [corr [ed + or]] são inseridas e o significado do todo é negociado na Enciclopédia como instrumento (lugar que serve para transitar de aposento a aposento). Derivações similares, em que a nominalização não passa pelo verbalizador agentivo, são as das palavras *mordedor* (objeto que serve para dar mordida), *andador* (armação de metal com rodas que serve ao uso de andar), *interruptor* (mecanismo destinado à interrupção de corrente elétrica).

3. Idiomatização em expressões com mais de uma palavra

Nesta seção do trabalho discutiremos o ponto em que incide a leitura idiossincrática que a Enciclopédia faz de construções sintáticas. Um fato fácil de ver no nosso dia-a-dia de falantes é que expressões idiomáticas novas são incessantemente criadas e rapidamente aceitas por adultos, jovens e crianças. É, portanto, desejável que a teoria da gramática dê conta de toda essa criatividade de ressignificação, colocando-a dentro do que fluiria normalmente da própria arquitetura da gramática como um dado previsível. A nossa pergunta, aqui, é: Em que domínio sintático se aplica a leitura enciclopédica de uma expressão composta com mais de uma palavra fonológica? A resposta a esta pergunta será vista nos diagramas da estrutura sintática de expressões idiomáticas, apresentados a seguir em 3.1 a 3.7.

3.1 Verbo + DP: *chutar o balde, comer mosca, engolir sapo, quebrar um galho, lavar a égua, bater as botas, picar a mula, perder as estribeiras, enfeitar o pavão, comer o pão que o diabo amassou, forçar a barra, cortar um dobrado, rodar a baiana, entregar os pontos, quebrar a cara, pintar o sete, dar uma mão, dar pé, encher o saco, ver estrelas, catar coquinho, plantar batata, lamber sabão, plantar bananeira, tomar chá de cadeira, esticar as canelas, fechar o tempo*

Sintaxe**Figura 1: Derivação de expressões do tipo *chutar o balde***

Temos aqui uma estrutura constituída por um *v* (vezinho) e seu complemento em que o verbo é o núcleo. Estamos assumindo que o processamento é feito através da derivação gramatical, fase a fase, e por isto não podemos prescindir do significado composicional das expressões pois a derivação culmina fatalmente nele. Portanto, chegar ao significado literal não é uma tarefa opcional, mas sim uma ação que precede necessariamente a de chegar ao significado idiomático. Partindo então do significado literal, a idiomatização se estabelece como uma relação metáforica entre as duas leituras. Por exemplo, na expressão *bater as botas* teríamos primeiro a leitura literal, e em seguida, por coerção contextual viria a leitura *morrer*, que vem atrelada à literal através de um mecanismo de *folk semantics* (Egan, 2005). Porém, esta independência semântica não atinge a sintaxe: vemos que os traços aspectuais do verbo na leitura composicional são preservados na leitura idiomática (McGinnis, 2002). Por exemplo, apesar de *bater as botas* significar *morrer*, podemos usar *morrer* no contexto aspectual durativo *ele vem morrendo devagar*, mas não podemos usar *bater as botas*, no contexto *ele vem batendo as botas devagar*, com o significado de *ele está morrendo*. Esta restrição se deve ao fato de que o aspecto pontual intrínseco do verbo *bater* não permite progressão ao longo do tempo. Se tentarmos aplicar este aspecto durativo em *bater* teremos a reiteração da ação, o que não condiz com o significado *morrer*, já que é impossível morrer várias vezes.

Uma outra restrição fundamental na interpretação de expressões idiomáticas é que o âmbito da idiomatização tem como limite o evento interno. Isto equivale a dizer que em *chutar o balde* a idiomatização não pode ser estendida ao agente da ação. A semântica do agente sempre se combina composicionalmente com o vP idiomático (Marantz, 1997). Esta restrição pode ser bem compreendida no âmbito da Morfologia Distribuída: quando o agente é introduzido em Spec de vezinho, o evento interno já foi interpretado, regular ou idiomáticamente conforme o contexto. No Spec do vezinho aparece o agente em uma configuração que dá a interpretação de evento causador externo cuja semântica não afeta a idiomatização já estabelecida.

3.2 Nome + adjetivo: *pão duro*, *pé frio*, *dedo duro*, *pinta braba*, *olho gordo*, *bom partido*, *mão boba*, *pé sujo*, *boca suja*

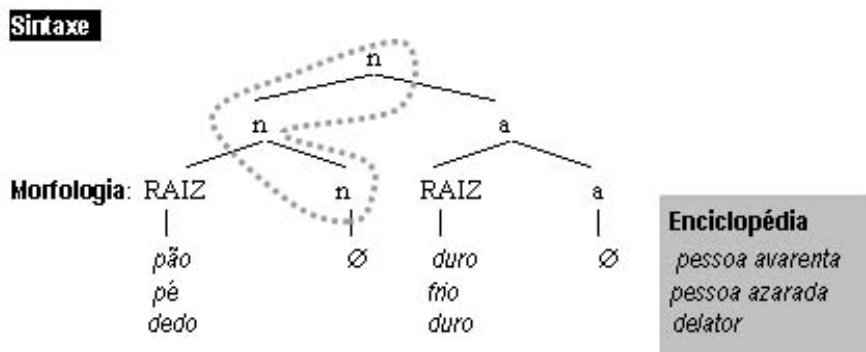


Figura 2: Derivação de expressões do tipo *pão duro*

A estrutura sintática de qualquer construção em que o adjetivo é modificador de um nome é de adjunção: o categorizador nominal se projeta por ser o núcleo da construção, e o núcleo adjetival se concatena como irmão do **n** núcleo. Para a sintaxe, a raiz é indiferente e somente os traços funcionais são levados em conta. Por isso, em qualquer caso, idiomatizado ou não, esta é a estrutura sintática que vai para a Forma Lógica e para a Enciclopédia. Estas expressões terão duas leituras possíveis: uma, em que o nome e o adjetivo preservam cada um a sua leitura enciclopédica *default*, e o significado do sintagma todo é calculado da maneira *default*, em **n**, pela associação composicional dos significados *default* das palavras componentes; e outra, a idiomática, em que a leitura composicional é substituída pela idiomática e o sintagma é lido como um todo no nó **n** projetado.

3.3 Nome + sintagma preposicional: *cara de pau*, *testa de ferro*, *ovo de colombo*, *saco de pancada*, *peixe fora d'água*, *pé de chinelo*, *pé de moleque*, *papo de anjo*, *cabelinho de anjo*, *copo de leite*, *bico de papagaio*.

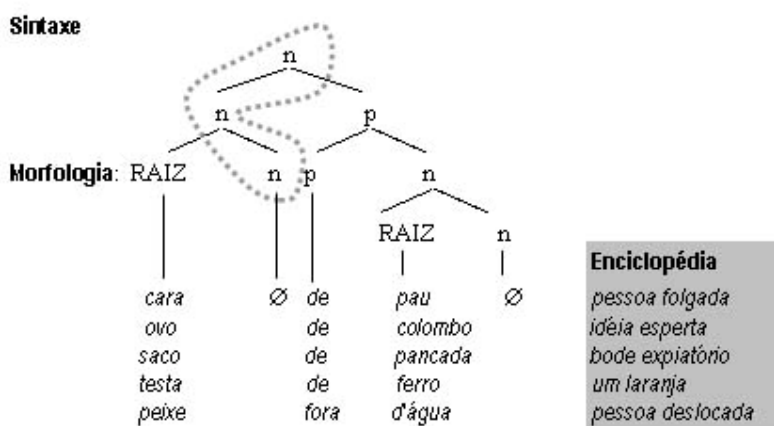


Figura 3: Derivação de expressões do tipo *cara de pau*

Como no caso de [nome + adjetivo], a construção sintática que é remetida à Enciclopédia neste caso é [n + sintagma preposicional]. Depois da formação da *leitura* composicional *default*, aquela que se baseia na composicionalidade, o composto pode receber uma leitura idiomática em presença de um contexto propício que nocauteie as leituras *default* dos componentes.

3.4 Sintagma preposicional: *pra cachorro, pra burro, pra caramba, às pampas, da pá virada, de lua, de montão, na moita, na moral, na real*

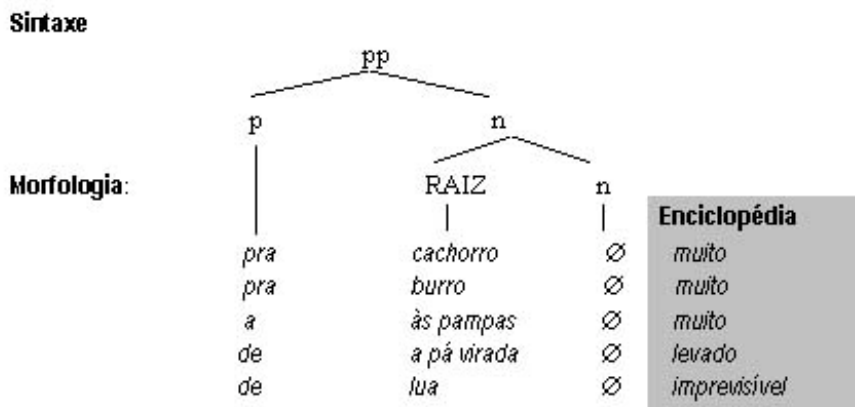


Figura 4: Derivação de expressões do tipo *pra cachorro*

O que há de curioso em algumas destas expressões é que fica difícil imaginar um contexto de uso em que uma interpretação composicional das peças possa ser empregada com propriedade sem ser idiomática. Neste caso, se colocássemos a questão de como se dá o processamento, seríamos tentados a dizer que a leitura *default* do composto é aquela que não leva em conta a leitura *default* do nome descontextualizado. Por exemplo, *trabalhar para cachorro* dificilmente poderia ser entendido como diferente de trabalhar *muito*, mas ainda assim, poderíamos achar algum contexto em que *para* funcione como benefactivo, como em *João trabalha para cachorro* entendendo-se que João trabalha em benefício de um canil.

Note que não incluímos na lista de expressões idiomáticas alguns PPs formados com nomes que só são usados em um único contexto, como *de araque*, *de chofre*, ou *de arromba*. Nestes casos, apesar da falta de acesso ao significado do DP, o significado da expressão é literal via estarmos atribuindo ao DP um significado que julgamos ser básico: atribuímos a *araque* o significado de *desordem*; a *chofre* o de *ímpeto*; e a *arromba* o de *transgressão*. E aí a contribuição semântica da preposição é composicional, assim como nas seguintes expressões literais: gol *de penalti*, soco *de direita*, andar *de bicicleta*, foi à festa *de gravata*, está *de cabelo curto*.

3.5 Verbo + PP

Tipo a: *botar os pingos nos is, dar a cara a tapa, dar a mão à palmatória, botar o dedo na ferida*

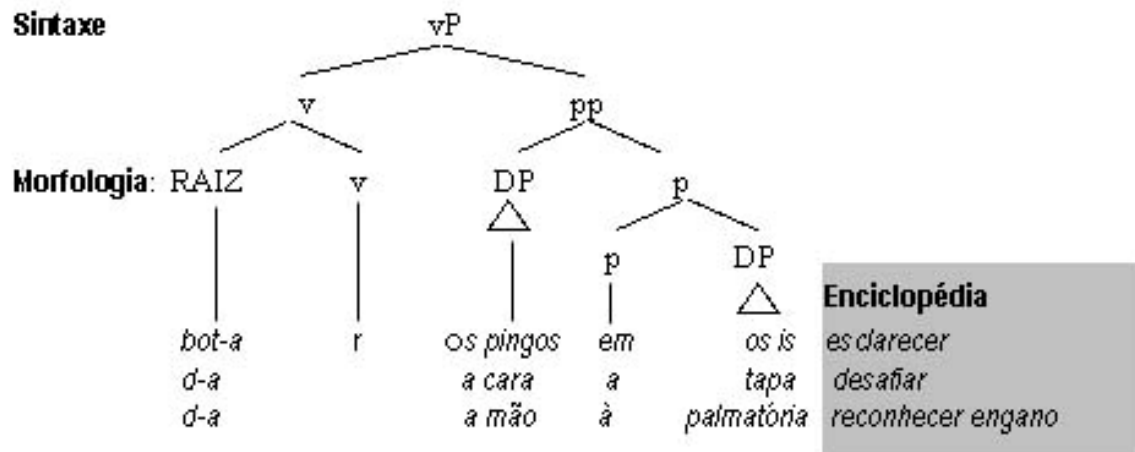


Figura 5: Derivação de expressões do tipo *botar os pingos nos is*.

Tipo b: *pisar em ovos, entrar pelo cano, morrer na praia, bater com o martelo, dar no pé, dar em cacho.*

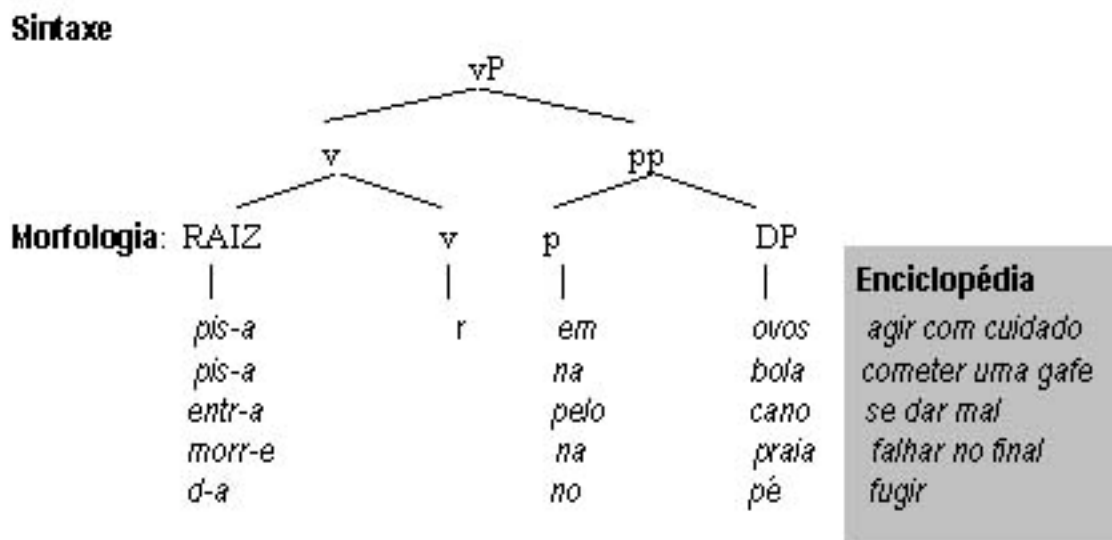


Figura 6: Derivação de expressões do tipo *pisar em ovos*

Como no caso 3.4, também nestas duas estruturas se pode notar uma subversão de naturalidade em termos da leitura contextualizada dos dois membros do vP: a leitura idiomática parece mais básica do que a que toma o PP interpretado a partir das leituras composicionais de

seus DPs. No entanto, a ilusão de que podemos prescindir da leitura composicional se dá simplesmente pelo fator frequência.

3.6 Verbo + AdvP: *dar mole*, *dar duro*, *cair fora*, *mandar bem*, *mandar mal*, *comer quieto*, *pegar leve*, *falar mal*

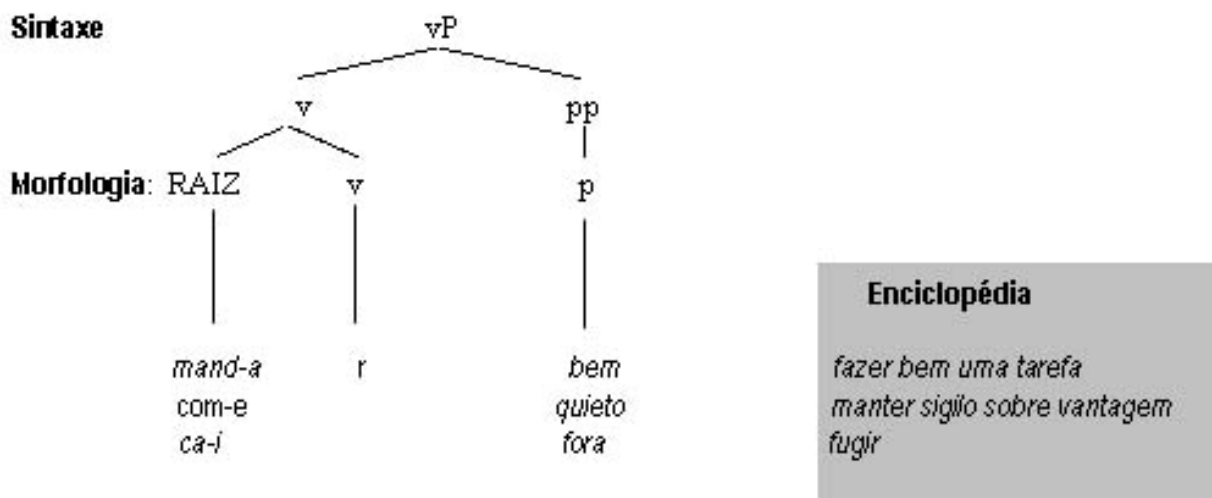


Figura 7: Derivação de expressões do tipo *mandar bem*.

Estas expressões têm a mesma estrutura sintática de expressões de uso frequente em que a interpretação é composicional, como *andar rápido*, *falar baixo*, *bater forte*, *cantar suave*.

4. Conclusão

É possível ver o que há de comum entre idiomatização no interior de palavras e idiomatizações em domínio sintático maior do que a palavra fonológica.

Em uma palavra fonológica a primeira peça do vocabulário categorizadora junta à raiz é aquela que autoriza, na Enciclopédia, a negociação semântica idiossincrática determinando um significado básico. Daí em diante, os traços categorizadores adicionados fase a fase dão sua contribuição semântica de maneira composicional e regular.

A interpretação semântica depende de os morfemas funcionais poderem ser lidos pela Forma Lógica. Se a identificação destes morfemas fica perdida em decorrência da obsolescência de bases cognatas, a forma é reanalisada por novos falantes, que instauram uma nova raiz, que por sua vez permite a criação de novos derivados e novos significados.

Em uma estrutura maior do que uma palavra fonológica o núcleo sintático autoriza a leitura idiomática, com preservação de propriedades aspectuais. Durante a leitura composicional da expressão há operações de estabelecimento de leitura idiomática toda a vez que uma raiz se junta a uma primeira peça de vocabulário categorizadora. Depois destes pontos há operações de concatenação e interpretação composicional que atuam da mesma forma dentro da palavra e em expressões de mais de uma palavra. O final destas leituras é a interpretação composicional da

expressão. Portanto, a leitura composicional do composto é inevitável em uma derivação que se dá fase a fase.

Se o contexto indica que a leitura composicional não é apropriada acontece uma operação que acopla à leitura composicional uma leitura idiomática do todo. O processo de acoplamento depende de uma espécie de faz-de-conta (*pretense* ou *folk semantics*) convencionado no momento da aquisição da expressão idiomática em questão. Por exemplo, uma criança que ouviu pela primeira vez *quebrar o galho* e entendeu o significado pelo contexto, tem diante de si a tarefa de correlacionar a ação de quebrar o galho à expressão que significa ajudar alguém. Ela pode imaginar a situação de alguém que estava com as mãos ocupadas e tinha que passar pelo meio do mato e ao se deparar com galhos bloqueando o caminho pede a algum amigo que os quebre para ela. Esta seria uma situação de faz-de-conta, um truque mnemônico, que ajuda o registro na mente da parte da expressão delimitada por vizinho. Esta parte é preservada como um todo.

O processo que acontece com as expressões é similar ao processo de negociação semântica que se dá na Enciclopédia quando a primeira peça categorizadora do vocabulário é juntada à raiz. A diferença é que com as expressões o processo é mais motivado e portanto a arbitrariedade saussureana não é assim tão arbitrária.

Referências

- Chomsky, Noam Derivation by Phase. (1999) Cambridge, Ms. *MIT Working Papers in Linguistics* 18.
- Egan, Andy..(2005) Pretense for the Complete Idiom. (ms) (artigo disponível na Internet, no endereço: <http://www.sitemaker.umich.edu/egana/files/idiom.2005.10.06.pdf>).
- Harley, Heidi and Rolf Noyer. (1998) Licensing in the Non-Lexicalist Lexicon: Nominalizations, vocabulary Items and the Encyclopedia. *MIT Working Papers in Linguistics* 32: 119-137.
- Ippolito, Michela M. (1999) On the Past Participle Morphology in Italian. *MIT Working Papers in Linguistics* 33, 111-137.
- Marantz, Alec. (1997) No Escape from Syntax: Don't Try Morphological Analysis in the Privacy of Your Own Lexicon. In A. Dimitriadis, L. Siegel, C. Surek-Clark and A. Williams, eds., *Proceedings of the 21st Annual Penn Linguistic Colloquium*, U Penn Working Papers in Linguistics 4.2: 201-225. Philadelphia: Penn Linguistics Club.
- Marantz, Alec. (1999) *Morphology as Syntax: Paradigms and the Ineffable, the Incomprehensible and the Unconstructable*, (ms).
- Marantz, Alec. (2001) *Words*. (ms). MIT.
- Marvin, Tatjana. (2002) *Topics in the Stress and Syntax of Words*. PhD Thesis. MIT.
- Mc.Ginnis, Martha. (2002) On the Systematic Aspect of Idioms *Linguistic Inquiry* Vol. 33, Issue 4, p. 665-672.
- Pylkkanen Liina, Llinas Rodolfo, Murphy Gregory. (2006) The representation of polysemy: MEG evidence. *Journal of Cognitive Neuroscience*, Jan;18(1): 97-109.